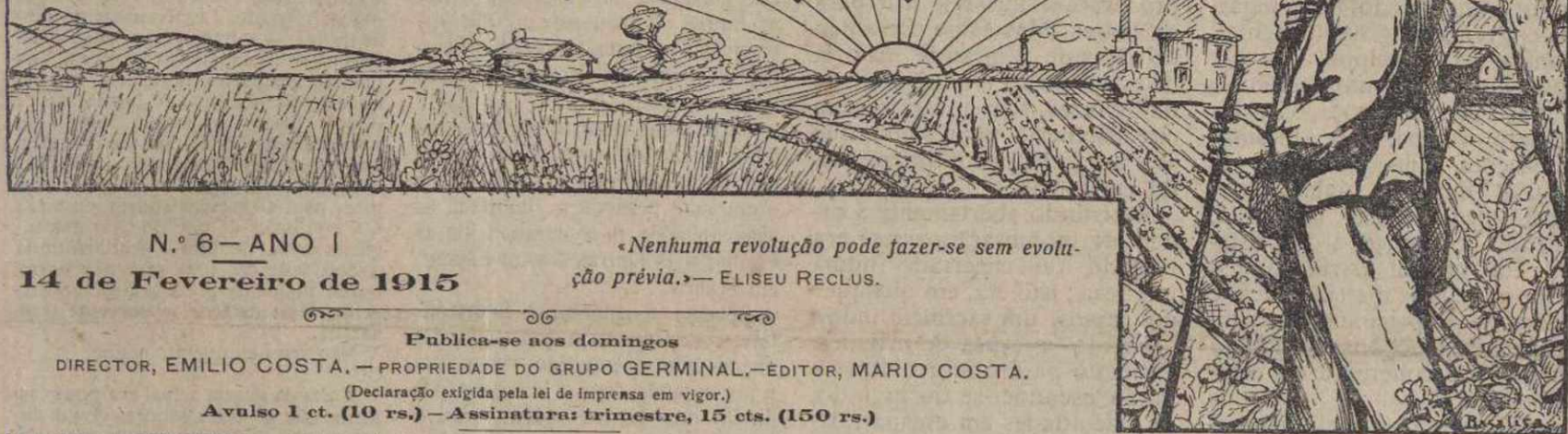


Germinal



N.º 6 — ANO I
14 de Fevereiro de 1915

«Nenhuma revolução pode fazer-se sem evolu-
ção prévia.» — ELISEU RECLUS.

Publica-se nos domingos

DIRECTOR, EMILIO COSTA. — PROPRIEDADE DO GRUPO GERMINAL. — EDITOR, MARIO COSTA.

(Declaração exigida pela lei de imprensa em vigor.)

Avulso 1 ct. (10 rs.) — Assinatura: trimestre, 15 cts. (150 rs.)

Comp. e imp. nas OFFICINAS GRAFICAS — Rua do Poço dos Negros, 81

Redacção e administração — Rua da Barroca 51, 3.º — LISBOA

O parlamento “mal necessario”

Embora á primeira vista pareça impossível, é certo que ha pessoas inteligentes e de boa fé, metidas no embroglho da politica partidaria, reconhecendo, em parte pelo menos, quanto ella tem de pernicioso; fazendo parte do parlamento ou trabalhando em eleições, apesar de sentirem pelos costumes politicos pouco menos que desprezo.

Como se explica que estas pessoas, não deixem a politica partidaria e o parlamento?

Entre as varias razões que os que assim procedem costumam aduzir para justificarem a sua attitude algo contraditoria com as suas palavras, ha uma, interessante, que merece a pena notar-se e que se pode exprimir assim:

«Longe de morrer d'amores pelo parlamento, não o veria desaparecer com desgosto; simplesmente, não vejo com que o substituir com vantagem».

E', como se vê, o eterno argumento do «mal necessario», que tem servido para ajudar a manter todas as injustiças e todas as inutilidades. Mas neste caso especial do parlamento e sabendo-se que ha boa fé e intelligencia, como se explica a existencia da razão aduzida?

Ha já muito tempo—desde que ha parlamentos, = estes homens inteligentes e de boa fé, procuram *melhora-lo*, sem repararem para esta verdade fun amental: é que a influencia exercida pela função sobre o funcionario, é muito maior do que a que este exerce sobre aquella.

Bem sabemos que é exactamente o contrario que se supõe e está assente como verdadeiro na vida corrente, afir-

mando-se, a proposito de tudo, que «os homens é que fazem os logares», que «as instituições tem o valor dos homens que as servem», que «a lei é boa, a questão é de quem a aplica» etc. Mas isto é fundamentalmente falso, e a falsidade é tacitamente reconhecida na pratica, exactamente pelos que a apregoam como a verdade, pois que raro é o funcionario, de qualquer especie e gerarquia, que não sonhe em modificar a função, a instituição, a lei, isto é, em *alterar* aquilo que só não era bom, por não ser cumprido á risca.

E' o que tem sucedido com os parlamentos: procura-se escolher e por vezes escolhem-se os melhores homens e sempre parece que se escolhem os peores, apesar das inovações que tem em toda a parte apparecido em materia de sufragio e em regimentos parlamentares. E quanto mais se aperfeiçoam os regimentos e os sufragios, mais a instituição parlamentar se descredita.

Isto quer dizer simplesmente, que a instituição é que já não corresponde, se alguma vez correspondeu ás necessidades da vida social.

Mantê-la «melhorando-a.» é proceder, por exemplo, como os monarchicos, que se fundavam, para se manterem, na tal pseudo verdade de que a questão é de homens, ao que os republicanos respondiam que as instituições é que não correspondiam ás necessidades da nação. E como se teria feito o partido republicano e a republica, se não tivesse havido os que, considerando a monarchia inutil ou nociva, não colaboraram com ella, desprezando a noção corrente da questão ser de homens e não de instituições?

O facto de *não se ver* o que deve substituir a instituição que nos desagrada, não pode justificar o apoio dado a esta, porque sempre assim tem

acontecido com todas as instituições e organizações. As novas formas, os novos organismos, saem da actividade dos que renunciaram ás formas antigas, da mesma maneira que o orgão sae da função, definhando e desaparecendo as antigas formas á medida que as novas se afirmam e se definem, ou vice-versa, como se quizer. Nunca se teria realizado progresso algum se para abandonarmos o que nos desagrada fosse preciso conhecermos o que o substitue com vantagem. Pois

não é evidente que o facto de se teimar numa determinada solução, é que constitue o maior obstaculo para se verem outras? E' só abandonando e procurando a substituição, que esta nós pode apparecer. Tudo que não fôr isto é obra de conservantismo e não de progresso.

«Não gosto do parlamento! mas não encontro melhor...» Como se ha-de encontrar o que se não procura? Ou julga-se que os organismos sociais apparecem feitos... pela Divina Providencia?

Os anarquistas e a guerra europêa

E' tambem em nome da coherencia, que se tem combatido os revolucionarios que pegaram em armas e os que os aplaudem ou concordam com eles. Parte-se do principio de que fazer uma coisa em contrario das ideias que se pregam, é uma contradição prejudicial, quer para as ideias quer para o que se contradiz e conclue-se tranquila e implacavelmente, que são incoherentes e prejudiciais os antimilitaristas que foram para as fileiras ou os que os defendem; e alguns acrescentam que tudo era preferivel, da parte dos revolucionarios, a ingressar nas fileiras, para que os principios ficassem de pé. Quando a defeza dos principios se leva para este caminho, não ha maneira de se sahir do labirinto em que nos metemos.

Se a incoherencia fosse em si mesma um acto condenavel, a vida era impossível não só para os anarquistas como para toda a gente. Nós quasi não fazemos outra coisa durante o dia, que praticar incoherencias e ai de nós, se as não praticassemos e em todos os aspectos da vida: particular e publica, individual e coletiva. «Tudo é relativo,» responderão provavelmente os que não querem

ouvir falar em *graus*; mas então, sendo tudo relativo, só ha uma maneira boa de tratar a questão da attitude dos revolucionarios: é não a pôr no terreno movediço da coherencia, e pô-la no terreno da utilidade dos actos que se praticam em vista dos fins a atingir. Para não haver duvidas sobre isto, basta saber-se que ha incoherencias uteis ás ideias que se defendem e coherencias que lhes são prejudiciais. Apenas um caso, entre milhares que se podiam expôr da vida de cada um: Ha annos, foi em 1909, o revolucionario Amilcar Cipriani, recusou, por coherencia com os seus principios—foi ele que o declarou—uma herança de 20.000 francos, os quais reverteram a favor do Estado. Os revolucionarios de todas os matizes prestaram homenagem á nobreza do gesto—feito certamente para salvar os principios—mas não sei se houve alguem que de qualquer fórma não lamentasse ou não criticasse o facto, como um pessimo serviço feito ás ideias. Cipriani foi coherente e manteve a pureza dos principios; mas privou-se de 20.000 francos, os quais o ajudariam a levar melhor a vida que ele tem consa-

grado á causa da revolução social, ou privou desse dinheiro, se o não quizesse utilizar pessoalmente, a propaganda, indo assim da-lo ao Estado, ao burguês, que os foi empregar, na engrenagem governamental, contra os principios que ele quiz salvar com a sua coherencia.

Pela mesma epoca, Charles Malato recebe, nas mesmas condições, uma herança de 50.000 francos. Malato, com uma incoherencia manifesta, aceitou a herança, a qual estava em grande parte, pouco tempo depois, distribuida por obras de propaganda e de solidiedade. Qual dos dois andou melhor: o coherente ou o incoherente?

«Salvemos os principios,» exclamam Malatesta e outros. Mas o que é isso de salvar os principios, se não é apenas uma frase?

Trata-se da doutrina, da parte teorica, da Ideia? Mas isso não é salvo nem perdido com quaesquer atitudes que se tomem, porque em nada está dependente destas. Só ha uma coisa que póde destruir uma doutrina ou um principio; é outra doutrina ou outro principio. Aquela e outras frases semelhantes são lamentáveis, porque produzem confusões, induzem em erros, não se tomando cuidado com elas.

Não confundamos os principios com a sua applicação ou com a maneira de os servir. «Mas é disso apenas que se trata» dir-se-á. Pois então se assim é, não se ponha a questão da coherencia, porque esse terreno é falso, visto que a coherencia tanto póde ser util como prejudicial ás ideias que se pregam.

*

Ponhamos então a questão no terreno da *utilidade dos actos em vista dos fins a atingir*. Eu creio que tudo que não seja isto, é fugir da realidade objectiva para o campo especulativo, da doutrina pura, o que—para o que agora interessa a todos que se preocupam com o futuro—é o mesmo que andar nas nuvens, purificando a alma no banho da pureza dos principios, mas preparando-a tambem—e ao corpo, o que é talvez peor—para desagradáveis surpresas que os acontecimentos podem proporcionar.

Os mais intransigentes, dizem ou diziam pelo menos, que mais valia sujeitar-se o revolucionario a todos os actos de repressão governamental, do que submeter-se a ir para as fileiras; até o fusilamento era preferivel! chegou-se a dizer. E' claro que quando se leva, ou antes, quando se prega a intransigencia a este ponto, entra-se na região dos mysticos e nada ha a dizer; passa-se adiante.

Mas emfim, é natural que nos países beligerantes houvesse um numero maior ou menor de

revolucionarios a quem repugnava ou desagradava, por qualquer motivo, partir para a guerra. Muito bem fizeram, a meu ver, os que nestas condições procuraram furtar-se a ir para as fileiras. Mas estou convencido de que a grande maioria deles se viu na impossibilidade de o fazer, sem se colocar em circunstancias peores do que as que podia encontrar pegando em armas.

Resistindo abertamente á ordem de mobilisação, ou se era fusilado ou encerrado numa fortaleza; isto era, em qualquer dos casos, um sacrificio inutil, rivando a causa de mais um elemento para o futuro. Procurando esconder-se ou fugindo, as dificuldades em escapar, dado o estado de vigilancia apertada por parte das autoridades, eram imensas. Depois, durante a guerra, era preciso quasi não se mostrar, por assim dizer, dissimular constantemente, tomar as mil precauções que nestas circunstancias tornam insupportavel a existencia; e por cima disto, viver, isto é, ter morada, alimentar-se, vestir-se, etc. É como se faz isto senão tendo trabalho? E nestas condições, e nas condições em que estão os paizes em guerra, como se obtem trabalho? Que vida se levava assim e quantas probabilidades de se ser descoberto e então fusilado como desertor?

E' inutil falar, me parece, nos que, tendo recursos monetarios e ajudados por circunstancias favoráveis, pudessem ir para o estrangeiro e aí esperar os acontecimentos, porque esses constituem uma infima minoria.

Naquelas condições, o que é natural ter acontecido? E' a maior parte ter vencido a repugnancia e ir para a mobilisação, porque: não era certo morrer-se na guerra, podia acontecer ir-se para serviços que menos repugnassem que o combate propriamente dito, usar dos artificios de que se pudesse lançar mão para não combater ou faze-lo o menos possivel, etc. Tudo isto irá contra os principios, é provavel; mas não é certo que vá contra o fim principal a atingir neste caso: poupar-se o mais possivel para poder servir esses mesmos principios.

Mas ha os voluntarios e os que os apoiam. E' verdade; e com esses entra-se no ponto fundamental da questão.

Emilio Costa.

(Continua)

Lei de 13 de Fevereiro

Completaram-se ontem uns 19 anos sobre a promulgação da famosa lei scelerada portuguesa, que, bem feitas as contas, se deveu antes á insensatez dos jornais de Lisboa, monarchicos e republicanos, do que á dos chamados propagandistas pelo facto.

Bourtzeff

A historia é simples:

Bourtzeff, é aquelle escritor russo que publicava em Paris uma revista na lingua do seu paiz, *O Futuro*, na qual fez constantes e bellas campanhas contra os crimes do despotismo czarista.

Entre essas campanhas ficou celebre a feita contra a policia russa, a proposito do traidor Azeff. Nunca o czarismo perdoou a Bourtzeff as suas apiniões e a coragem de as expôr; mas Bourtzeff estava longe, em França...

Rebenta a guerra, e Bourtzeff, talvez entusiasmado pela comedia liberal que o governo russo está representando com a liberdade e o direito dos povos, partiu para a Russia confiante nas apparencias.

Em má horã o fez, porque o lobo espreitava a presa que ingenuamente se lhe ia meter na boca. Foi preso, julgado e condenado a degredo perpetuo para a Siberia; foi assim que os que prometeram a autonomia á Polonia, melhor tratamento aos judeus e salam em justiça e em direitos, responderam á ingenua confiança de Bourtzeff.

Se alguma coisa ha mais revoltante que o cinismo, a barbaridade de processos e a ambição de dominio do cesarismo alemão, é a comedia liberal e pacifista do despotismo russo.

Reunião sindicalista

Na quinta-feira da semana passada, alguns individuos que á organização e propaganda operaria se tem dedicado, reuniram-se na sede da Associação dos Compositores Tipograficos, a fim de se combinarem sobre o modo de vigorizar o movimento sindicalista que após o Congresso de Tomar entrou em letargia. Trocaram-se explicações sobre anteriores procedimentos, analisaram-se as causas da doença da U. O. N., e fizeram-se protestos de fidelidade aos principios. Uma orgia de... de palavras. No meio dela, tres questões surgiram que deviam de ter sido discutidas em nova reunião marcada para trasanteontem. Foram elas:—deve ingressar-se na U. O. N. ?;—independentemente disso, deve criar-se a Liga dos Interesses Operarios?;—guardando para mais tarde a resposta a tais questões, deve fazer-se reaparecer já o *Sindicalista*?

Sinais de vida

... Ou de morte.

De um artigo de J. Carlos Rates: «... eu julgo um erro muito prejudicial, neste momento e com tal estado de coisas, o inicio de grèves contra o Patronato. E' preciso promover uma grève monstro, que revista todas as fórmulas da energia operaria, mas uma grève que contra o Estado e só contra ele seja dirigida. E' preciso lançar a massa operaria, em peso, contra o Estado.»

Vê-se que Rates não tem duas das tres prendas que o filosofo requeria em seus discipulos. Oxalá não lhe falte tambem a outra!

NOTAS LIGEIRAS

Da banda dos que nos asoimam os ouvidos com a afirmação de que a guerra actual não passa de uma baralha de capitalistas,—ante a qual os revolucionarios sociais devem estar de braços crusados, soberanamente desdenhosos,—saíram agora estas palavras:—«A' Inglaterra convem, na posição geografica da Belgica, um pequeno país neutro». A' Inglaterra... (Quere dizer: ao estado inglês, ao imperialismo inglês, ao povo inglês, aos habitantes do territorio inglês. E' a confissão de que nem só imperialismos, nem só estados andam em luta; é a confissão de que do lado dos ingleses anda tambem o sentimento da necessidade de, para secção proprio, terem longe da porta o alemão guerreiro, conquistador, absorvente e cesarista.

Não serei eu quem o negue.

Antes da guerra actual era ponto assente que os trabalhadores dos diversos países se deviam mutua solidiedade. Quebraram este como que facto, os alemães—em prejuizo dos belgas, por exemplo. Assim sendo, os demais trabalhadores quebral-o-hão por sua vez, se não evitarem a neutralidade na contenda em que andam aqueles,—e ha muitas maneiras de o fazerem, sem chegar ao extremo de pegar em armas. De: modo que perguntar-se ao meu amigo Emilio Costa, a proposito das minhas palavras—«neutralidade não é o contrário de solidiedade?»—porque não trata êle de arrastar Portugal a entrar na conflagração, tem seus ares de chufa de Carnaval, mas chufa que nem sequer é inteligente.

Qualquer.

O caso do Gaz

O tribunal de arbitros sobre accidentes no trabalho proferiu, na passada sexta-feira, a sua sentença ácerca das indemnizações reclamadas por motivo da explosão de ha meses na Boa Vista.

Antes as Federações da Industria haviam publicado um manifesto pedindo que se cumprisse a lei e se fizesse justiça. Pode dizer-se que este pedido não foi atendido, porque o autor da lei dos accidentes, como se falasse de ter sido mal recebida a resolução do tribunal, acudiu em defesa da sua dama, como hemos de ver. O processo subiu ou vai subir á Relação em recurso.

Uma explicação

A *Aurora* de domingo passado não faz a rectificação ou aclaração que se nos afigurou provavel. Talvez a faça agora, á vista do que aqui se escreveu. Demoremos então, mais uma semana, o que temos a dizer.

O sonho alemão

Jerarquia social: «No vertice, o official nobre, unicamente dedicado ás questões de guerra, dominando de alto a nação; depois, abaixo, as potencias industriaes e comerciaes, os grandes proprietarios agricolas, os professores, os sabios, os mestres de escola e, emfim, a massa do povo, todos solidamente arregimentados, todos orientados por uma formação e um ensino sistematicos, no intuito de colocar a Alemanha acima de tudo e de fazer dos outros homens os subditos servís do seu paiz».—P. Appell.

Dicionário subversivo

A

(Continuação)

AMOR — O «soberano e eterno amor» não é outra coisa senão a forma da atracção sexual própria dos seres chegados a um certo grau de desenvolvimento.

AMOR DA PATRIA — Sentimento artificial, diferente do amor da terra natal, que é um sentimento natural. Gera a vaidade e o odio, o que não quer dizer que não seja capaz de elevados feitos, quando «não movido de premio vil».

ANALFABETISMO — Mancha que nos envergonha aos olhos do mundo. Parece uma definição do conselheiro Acacio e é do chefe de um dos partidos da Republica Portuguesa.

ANTISEMITISMO — Movimento demagogico; vanguarda do jesuitismo puro. Produz-se como uma das ultimas convulsões da ideia militar e religiosa. (A. Naquet).

APOSTASIA — E' o abandono de uma opinião, de uma doutrina, que publicamente se seguia, — por motivos de interesse pessoal, calcul ou pusilanimidade. Equivale ao «sacrificio» da abjuração. Alguns a elevam á altura de um principio. L'homme absurde est celui qui ne change jamais», diz o celebre verso francês.

ARBITRARIEDADES — Abusos do poder; justiça de Fafe, quando não é justiça de mouro.

ASPIRAÇÕES POPULARES — Forma atenuada da expressão «reclamações do povo», sob a qual os politicos demagogos ocultam a vehemencia dos proprios desejos.

ATAVISMO — A forma perniciososa da rotina. Leva uns a ser mandarins e outros mandados; erige uns em exploradores da consciencia e da passividade alheia e submete outros á exploração.

ATEU — E' um crente que nega, como o deista é um crente que afirma.

AUDACIA — Arma com que em politica se conseguem grandes vitorias. O politico que a esgrime com oportunidade abre caminho por entre a multidão e alcança o premio concedido á idade e ao talento; o que não sabe usá-la a tempo e com destreza fere-se nela e fica inutilizado para todo o sempre. (Juan Rico).

AURA POPULAR — Gaz indisponivel em certos tempos, segundo um escritor, para elevar rapidamente os baldes politicos; sem uma boa porção nunca poderiam elevar-se á altura dos ministerios. Em Portugal os politicos do novo regimen tem sido tão inabéis nas suas ascensões aerostaticas, que, uns atrás dos outros, veem caíndo das alturas entre os risos dos curiosos.

(Continua)

Nn.

A PROPOSITO DA GUERRA

Então porque se batem? — A Internacional

Porque lutamos é o titulo de um artigo em que Jean Grave, analisando a ideia dos anarquistas partidarios da não participação na guerra, — ideia em cuja defesa, diz elle, procedem sumariamente e sem bastante exactidão — dá algumas explicações da sua attitude. São dêsse artigo estes periodos:

«A guerra, dizem ainda os partidarios da neutralidade (como se pudessemos ser neutros!) anarquista, nada de bom pode trazer consigo, só reforça o militarismo.

«Nós o reforçaríamos bem mais, cruzando os braços, condenando-nos ao silencio, se nos separassemos do resto da população.

«O que diziamos da guerra antes de ela rebentar, não mudou porque nós não pudemos impedi-la. O que diziamos dantes permanece verdadeiro agora que ela mostra toda a sua violencia, e mais provado será quando se fizer a enumeração das perdas.

«A guerra só pode produzir dores e ruínas. E' um recuo da humanidade. E' um regresso á barbaria. Atrás dela só veem doenças e miseria. Filha da ignorancia, não faz se não aumentá-la. Dela só pode sair uma recrudescencia de opressão e exploração.

«Então porque se batem?

«Porque:

«1.º — Era impossivel proceder doutra forma. Impotentes para sublevar a opinião publica, afim de impedir o massacre, toda a tentativa isolada não passaria de um sacrificio, proveitoso apenas para o agressor, para o fautor directo da guerra, para o que a preparara e quisera, para o militarismo dealemão;

«2.º Porque se o militarismo triunfasse, teríamos toda a Europa sob uma dominação de ferro, teríamos o apagador sobre toda a ideia de eman-

ciação: era a Europa votada por nós, não sabemos durante quantas gerações, aos armamentos estupidos, ás guerras de desforra.

«Ajudando a repelir essa onda de reacção, contribuindo para a falencia dos planos do militarismo prussiano nós procuramos acautelar o futuro, tentamos salvar do naufragio o que das ideias de livramento puder salvar-se, defendemos o nosso direito de intervir quando, acabada a guerra, se debaterem as novas condições de existencia para Europa».

Segundo uma entrevista publicada num jornal norueguês, Liébknecht proferiu estas palavras: — «Nós não nos podemos apresentar ante a Internacional, emquanto não tivermos resgatado as nossas culpas». A proposito escreve Ch. Albert:

«Não podemos esquecer que a agressão do povo alemão contra o povo francês foi dirigida por uma coalisção de chefes: chefes dinasticos, chefes militares, chefes politicos, chefes capitalistas e tambem — que tristeza! — chefes socialistas.

«Para os que foram á Casa do Povo de Bruxelas verificar como os seus irmãos belgas agonizavam sob a pata prussiana; para um Legien censurando o Vorwaerts, porque este provara que nós não tiravamos os olhos aos feridos alemães; para os socialistas e sindicalistas do imperio, nós não podemos ter senão desprezo, um imenso desprezo.

Emquanto essas culpas — ou esses crimes — não tiverem sido reparadas, e reparadas não por palavras, mas por actos, não haverá Internacional possivel. Ou então nós trahiríamos os nossos mortos, trahiríamos o nosso ideia, trahiríamos a propria Internacional».

Carestia da vida

Tem proseguido ahi, em sessões de protesto contra a ganhuça, o movimento iniciado pelo Nucleo Juventude Libertaria acerca da carestia da vida.

No Porto tambem semelhante movimento não afrouxa. Ainda no dia 7 se realizou no Teatro Antero do Quental, um comicio do povo operario do bairro das Antas, no qual fez uso da palavra o camarada Manuel Joaquim de Souza, defendendo uma moção em que se protesta contra a ganancia dos exploradores do povo e se incita a população portuense a unir-se para entrar numa acção mais energica e decidida, no sentido de ser atendida nas suas reclamações.

Sem trabalho

Tornaram a fazer falar de si os operarios sem trabalho. Desta vez com algum desdouro deles mesmos, porque se espalhou que no seu seio se introduziu a formiga... especuladora.

Foi o caso que, por ter mudado de governo a nação, as guias não eram distribuidas, isto é, os poderes publicos não atavam nem desatavam em distribuir trabalho nas obras do Estado, resultando dahi... o diabo para alguns padeiros e taberneiros.

A «carne de canhão» em Angola

Um amigo nosso, recebeu dum expedicionario graduado, que se encontra em Angola e que se tem batido, as seguintes noticias, datadas de 27-11-914:

«Tudo isto é uma burla, o mais escandaloso dos «contos do vigario». Estamos aqui no Cunene, cerca de 1.400 homens, atirados sem contemplação para este cemiterio, na perspectiva de soffermos as contingencias do clima mortifero pela aproximação das chuvas, da falta de mantimentos e da impossibilidade de elles aqui chegarem, porque os trabalhos preparatorios que, um m'z antes da partida da expedição, Roçadas mandara fazer a esses... que dão pelo nome de Norton, Felner, e Djalme, todos elles, por falta de escrupulos, de nada quizeram saber. De modo que tendo-se agravado os factos aqui, no Cuamato, e não havendo postos de *étape*, tendo mesmo destruido ha. racões e abandonado «cacimbas» (reservatorios d'agua) do tempo de João d'Almeida, a unica coisa decente que se tem feito neste sul d'Angola, tivemos que vir *in extremis*, sacrificando tudo. Essas coisas magnificas, esses serviços de saude completos, enfim essa organisação divina desta expedição que representa para nós a maior das vergonhas, está tudo, tudo encaixotado em Mossamedes! Esses coloniais de... das portas dos catés, esses militares

de... ainda não-de dizer que nos aguentemos no balanço: pois assim será até rebentarmos todos. Depois do paiz rebentado, salguem o territorio e fundem outra nacionalidade encartada em melhores elementos. A respeito de alemães, por ora tudo *buchas*; aqui só ha dois inimigos: o anofelis e os governadores geraes. Até um dia, em que escreverei mais de largo, pois tenho tudo apontado.»

Sabemos que ha mais e melhor. Vá o povo conhecendo as coisas para depois saber pedir contas aos patriotas d'oficio.

E a Belgica?

Visando manifestamente um de nós, a Aurora afirmou que a intervenção belga na guerra actual se cifrava em encontrar-se a Belgica no caminho de dois molossos. Como para nós o caso não revestisse tamanha singeleza, apontamos-lhe factos que naturalmente a levariam a *rever* a sua opinião. E ela, referindo-se lialmente só a um, diz que isso não influe... no facto de ser esta guerra uma luta entre Estados. E diz bem; tão bem como se acrescentasse — nem no facto de haver cabaças; tão bem que até nos dispensa da replica.

A questão do pão

Estava paginado o ultimo numero do *Germinal*, quando vimos publicado o decreto que permite a importação de trigo exotico aos respectivos fabricantes matriculados. Se não fosse isso, teríamos feito a necessaria modificação no que escrevemos, visto como já então o encargo financeiro, que acima do normal, traz consigo a importação — calcula-se o seu custo total em uns 15.000 contos — fóra dividido entre o governo e a moagem, ao que parece. Suporta esta a sua parte, sem aumentar o preço do pão? O decreto dos novos tipos responde negativamente. A imprevidencia, a incuria dos governantes a esta situação conduziu. E não é barafustando contra a lei dos cereais, como alguns fazem, que se lhe dá remedio.

Abaixo a guerra!

Assim clama em todos os seus numeros o orgão do partido socialista português. Mas, ou porque fala baixo ou porque fala de longe, o certo é que não logra ser ouvido pelos seus correlegionarios do teatro das operações guerreiras. Os socialistas ingleses, afirmando a sua unidade de vistas, convidam todos os companheiros a não se deixarem iludir nem votarem qualquer moção que não seja compativel com a continuação da guerra; e um dos deputados socialistas alemães, Schoenflin, pronunciando-se contra toda a propaganda prematura em favor da paz, declara: — «os interesses do povo alemão prohibem absolutamente ao partido socialista da Alemanha o exercer, pela sua acção no interior, qualquer pessão, sobre o governo para apressar a conclusão da paz.» Porque não faz ouvir o orgão notas mais altas?

A minha carteira

O carnaval

Condena-se agora ahi a folia carnavalesca pela razão de que está gente de fóra e diante dela se deve guardar certa compostura—perdão! não é isto,—pela razão de que se anda em guerra. Entre os socialistas das diversas escolas a reacção contra o carnaval vem de longe e sem caracter transitorio. Já em 1897, por exemplo, se dizia isto na Belgica:

«O carnaval é velho, muito velho mesmo; remonta ao tempo em que o homem era escravo. Então, uma vez por ano, o senhor permitia ao seu escravo ser tambem senhor por um dia, por uma hora. O escravo fazia então como o seu senhor, imitava os seus vicios, bebia como se não tivesse sido escravo, e no dia seguinte, embrutecido, voltava ao trabalho imposto. A escravidão desapareceu, mas a tradição ficou, correspondendo a analcagar necessidades sociais.—*Loetare!* Diverte-te, dizem ao servo, ao proletario. Veste-te nos dias de entruído, de soldado, de general; dá-te a ilusão de uma soberania, de uma liberdade qualquer, cobre o rosto com mascaras de papelão; põe penas no cabelo ou argolas no nariz, como os selvagens; bebe, canta e salta. Vai; enquanto assim andares —raciocina o capitalista — não irás a reuniões socialistas, deixarás o espirito inculto, não permitirás á tua alma o deixar-se invadir pelo salutar espirito de revolta; vai, esquece a tua dignidade de homem, e amanhã o teu procedimento será de estúpido e como estúpido te poderei eu tratar.»

... Que eu não affianço que não haja por ahi socialistas prontos a sustentar que o povo, coitado! —besta de carga todo o ano, não deve ser privado dos folguedos destes tres dias...

Invenções modernas

Motores de combustão interna — O motor a gaz Otto tem uns 30 anos. Dainles, Panhard e Levasson aperfeiçoaram-no substituindo ao gaz uma essencia volátil; esta modificação permitiu que se construíssem motores leves e poderosos, usados na industria automovel e na aeronautica.

Aeroplanos. — As experiencias do professor Langley, seguidas das dos irmãos Wright, demonstraram a possibilidade de elevação com um aparelho mais pesado que o ar. As exigencias de ordem militar levaram a França e a Alemanha a progressos particularmente rapidos na aeronautica.

Separadores magneticos

Nas fabricas que usam trituradores na preparação de varios materiais, tem-se dado varias explosões, provocadas pelas particulas de ferro que se produzem com a fricção das peças dos maquinismos. Para evitar as probabilidades de semelhantes riscos estão já em uso, com os mais lisongeiros resultados os separadores magneticos.

Estes aparelhos, muito simples, consistem em poderosos electroimans, montados no interior dos esmagadores, e que fazem adherir fortemente á superficie destes, todos as particulas de ferro ou aço que no trajecto sejam encontradas, e que são retiradas oportunamente por uma raspa montada convenientemente. São recomendados especialmente para as fabricas de produtos quimicos, de chocolates, de preparação de assucar, e de farinhas, bem como para as de fiação.

Historias de ladrões

Veiu agora ahi á baila, como um aspecto do problema da carestia da vida, a adulteração dos generos.

E isso me traz a recordar-lhes o artigo intitulado — *As mixordias*, em que Silva Pinto, depois de contar a historia de um barril de vinho que, analisado, não acusou a existencia de um unico bago de uva, se refere a uma garrafa de leite... á altura d'aquella pinga. Releiam o final desse artigo e falem-nos depois das «concepções artisticas» dos mixordeiros, perante as quais não faz vista grossa a policia, mas outra coisa. E' assim:

«Não lhes falo do azeite sem azeitonas, — dos fostoros sem fostoros, ou sem cabeça, — do café-sinho de favas torradas, — do chá de malvas, — dos cigarros de pontascas, — dos charutos com talos de hortaliça (já num deles encontrei um pequenino corno); não lhes falo do pão com gesso, nem da banha de cheiro substituida por aque-loutra coisa. Falo-lhes das «duas galinhas gordas» da tia Felizarda, minha visinha taberneira...

Dizia-lhe eu ha dias:

— Que formidaveis galinhas, ó sr.^a Felizarda! Que beleza!

E ela:

— «São para os policias...»

— Para os policias?!

— Sim, senhor: são dois policias que eu lá tenho, para me avisarem de quando ha novidade: visita de saude, ou quando vem meter o nariz nas coisas que uma pessoa vende...

E vem dali o pequenito pedir-me que lhe conte *historias de ladrões!*»

A fechar

Palavras de Vandervelde:

«O desenvolvimento das organizações sindicais é, para a classe operaria, um facto de mais alta importancia que a conquista de alguns mandatos parlamentares.»

Um magico.

O que o povo quer

Assim se intitula um manifesto que nos foi enviado, onde se expõe em poucas palavras, o que um proletario que o assina, considera como sendo o que de mais elementar o governo devia fazer para bem do paiz. Embora não acreditemos que governo algum faça o pouco que no manifesto se reclama, bom seria que se fizesse, porque se ganhava isto: ser-se menos protegido e menos guiado pelos governos, o que só traz vantagens. Recomendamos a sua leitura.

VIDA ASSOCIATIVA

União Anarquista Comunista da Região do Sul

Foi-nos enviado o seguinte apelo, que pela sua extensão não publicariamos na integra, se se não tratasse, como cremos, dum brado sincero pela conjugação dos esforços de todos, para a realização da obra comum. Escusado é dizer que, como tudo que se publica no *Germinal*, a responsabilidade das opiniões e da forma de as expôr é apenas dos seus autores, o que de modo nenhum quer dizer, entenda-se bem, que não estejamos dacordo com as vantagens e necessidade de os anarquistas se unirem o melhor possível — o que sempre temos prégado — para a conquista do ideal comum.

«A organização dos anarquistas no momento gravissimo que atravessamos, é uma necessidade imperiosa. Crêmos que todas as camaradas de bom senso colaborarão nesta obra de conjugação de esforços e energias.

Em Portugal, nestes ultimos anos, consoladoramente o constatamos, o povo trabalhador vae-se compenetrando do seu valor, e as ideias anarquistas desenvolvem-se dia a dia. Ocorre-nos, por consequencia perguntar, porque não nos unimos para intensificar a atmosfera de hostilidade e descrença que pelos politicos lavra no seio do operariado, formando uma forte corrente que derrubará o edificio putrido já, do sistema capitalista-burguez.

Vamos, seriamente pezar o que tem motivado um tal enervamento e indiferentismo pela organização das forças anarquistas. Embora nos peze dizel-o, é a verdade; e a verdade jámais se deve occultar. O marasmo, a desunião entre os anarquistas, deve atribuir-se á ignorancia dos deveres de solidariedade. Camaradas! Esqueçamos resentimentos e agravos pessoais. Que todos se unam para o bem comum, para a obra de salvação social!

Urge mudar de rumo, trabalhar com afinco e sem desfalecimentos, concertados, unidos, para não sermos arrastados no abismo profundo que nos ameaça tragar.

A tremenda catastrophe que se desencandeou, a conflagração europeia, cujas consequencias não podemos conjecturar, deve ser um incentivo para novas lutas; devemos unir fileiras, activar a propaganda, e não sermos preza da confusão produzida pelas occurencias, para que, intervindo quando a occasião se manifestar, saibamos tirar proveito desta grande e terrivel lição, marcando-lhe um epilogo brilhante, um digno fecho.

Não póde, não deve dar-se uma fuga dos nossos postos, porque essa attitude seria covarde, vergonhosa, criminosa no momento em que se joga a vida e o futuro dos povos. Devemos lutar para que o facho brilhante da Revolução dissipe a escuridão tenebrosa em que a vida social está mergulhada.

Mas enquanto não se acerca o final da partida, saibamos vêr claro e encarar a situação, para reivindicarmos a melhoria nas nossas condições economicas, tão miseraveis já, defendendo-as de toda a horda de ignobeis parasitas, que em vez de encolherem as garras no meio de tantos desastres, mais se incitam

á rapina e á ganancia comercial, açambarcando e agiotando com os generos de primeira necessidade.

O Comité.

(Continúa).

Contra a carestia da vida

Promovido pela Associação dos Trabalhadores Rurais realizou-se no dia 24 de janeiro em Odemira um comicio de protesto contra a carestia da vida, em que fizeram uso da palavra, Antonio A. Amares, M. S. Campos. Jacinto C. Campos comerciante Francisco Aparicio, Francisco Paulino, e Jeronimo de Sousa e foi aprovada a seguinte **Moção:**

Considerando:

Que o atual conflito europeu tem servido de pretexto para os açambarcadores dos generos alimenticios elevarem os preços de uma forma insuportavel;

que apesar dos terrenos incultos, alguns lavradores tem deixado de fazer a cultivação das terras como nos anos anteriores, sacrificando assim centenas de familias pela falta de trabalho;

que os senhorios não satisfeitos com as grandes rendas que recebem, tem aproveitado a situação atual para mais as elevarem, chegando a despedir aqueles que não podem pagar sem respeito pela situação miseravel que lhes criaram;

que o momento atual é para todos de sacrificios;

que os trabalhadores de mais os tem feito, e nesse caso compete aos que tem vivido á custa dos mesmos trabalhadores a dar alguma coisa que é sua pertença.

O povo trabalhador de Odemira, reunido em comicio publico para protestar contra a excessiva carestia da vida, resolve e reclama:

1.º Protestar contra os açambarcadores dos generos alimenticios e do governo medidas para reprimir tal abuso.

2.º Que não seja permitido aos senhorios aumentar as rendas e não poder despedir os inquilinos por falta de pagamento enquanto durar a crise que atravessamos.

3.º Que os lavradores que deixaram de cultivar as terras como nos anos anteriores e tenham terrenos incultos, os passem para a posse da Associação dos Trabalhadores Rurais para que os cultive em cumum para bem de todos.

4.º Dar o apoio aos movimentos que se façam em todo o paiz contra a carestia da vida.

Pretende o *Germinal* viver dos seus proprios recursos e para isso ha de empregar os melhores esforços; mas, enquanto não o consegue, necessario é que os amigos e camaradas não lhe faltem com o seu auxilio moral e material.

GERMINAL

encontra-se á venda nos seguintes locais:

Tabacarias: MONACO, Rocio; — SARAIVA, Travessa de S. Domingos, 4 e 6; — ARAUJO, rua da Palma, 125; — IDEAL, rua dos Correeiros; — VOUGA, Praça do Brasil; — BELTRON, rua da Escola Politecnica, 84; — FERREIRA, calçada da Estrela, 3; — PIRES, rua do Poço dos Negros, 55; — PRAZERES, Largo da Graça; — FERREIRA, rua do Paraizo; — NUNES & PINTO, Calçada da Bica do Sapato, 16 e nos **Kiosques:** de Alcantara e da Praça Rio de Janeiro.